

EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS COMO POTÊNCIA PARA PENSAR EM ADIAR O FIM DO MUNDO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Josiane Brolo¹

Rodrigo Pedro Casteleira²

Resumo

Este relato aborda a experiência vivenciada com uma Mostra de Arte e Educação, realizada com acadêmicas e acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Vilhena, organizada com a proposição de tecer diálogos entre a formação inicial docente e a arte, e, com o propósito de provocar junto ao corpo discente, um repensar nossa condição humana, nossa relação entremeada à natureza e com os povos indígenas, em um território amazônico. Neste sentido, este trabalho apresenta as experimentações artísticas expostas na Mostra, inspiradas e materializadas pelas provocações de Ailton Krenak (2019), as quais nos convidam a nos lançarmos por outras linhas, outras fugas, outras reelaborações do pensamento, outras educações. Como resultados, apresentamos processos de experimentações, de deslocamentos, de potências, de resistências e existências, e por que não, de ideias para adiar o fim do mundo.

Palavras-chave: Arte; Pedagogia; Território Amazônico.

AESTHETIC EXPERIMENTATIONS AS A POWER TO THINK ABOUT POSTPONING THE END OF THE WORLD: AN EXPERIENCE REPORT

Abstract

This report addresses the experience of an Art and Education Exhibition, held with academics from the Pedagogy course at the Federal University of Rondônia (UNIR), Vilhena Campus, organized with the proposition of weaving dialogues between initial teacher training and art, and, with the purpose of provoking among the student body, a rethinking of our human condition, our intertwined relationship with nature and with indigenous peoples, in an Amazonian territory. In this sense, this work presents the artistic experimentations exhibited in the Exhibition, inspired, and materialized by the provocations of Ailton Krenak (2019), which invite us to launch ourselves along other lines, other escapes, other re-elaborations of thought, other educations. As a result, we present processes of experimentation, displacement, power, resistance, and existence, and why not, ideas to postpone the end of the world.

Key words: Art; Pedagogy; Amazon Territory.

APRESENTAÇÃO

Fragmentos. Composições. Sensações. Estranhamentos. Barulhos. Silêncios.
Floresta. Terra. Ar. Água. Fogo. Corpos. Experiências. Vida. Morte. Norte.

¹ Fundação Universidade Federal de Rondônia, CEP 76988-021, josiane.brolo@unir.br

² Fundação Universidade Federal de Rondônia, CEP 76984-086, rodrigo.casteleira@unir.br

Somos pessoas tomadas por estas e outras tantas palavras na composição desta escritura, num movimento em que a arte se fez e perfez pela experiência, no sentido do pensamento sensível feito à margem, na dobra, nos afectos (Deleuze, 1992), nas volúpias, nos sentidos, nos devires e experimentações que nossos corpos viveram.

São nessas dobras, feitas de muitas linhas, no *entre* elas, que desejamos dizer desta experiência. Como bem enunciado por Deleuze (1992, p. 138):

Essa linha é mortal, violenta demais e demasiado rápida, arrastando-nos para uma atmosfera irrespirável. Ela destrói todo pensamento [...]. Seria preciso ao mesmo tempo transpor a linha e torná-la vivível, praticável, pensável. Fazer dela tanto quanto possível, e pelo tempo que for possível, uma arte de viver. Como se salvar, como se conservar enquanto se enfrenta a linha? [...]. Curvar a linha para conseguir viver sobre ela: questão de vida ou morte.

Neste curvar a linha para poder compor e criar, ensaiamos construir um texto com suas brechas para apresentar uma experiência realizada com acadêmicas e acadêmicos do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Vilhena, no decorrer dos componentes curriculares de Fundamentos e Práticas do Ensino de Ciências e Fundamentos e Práticas do Ensino de Artes, no ano de 2023.

Assim, durante o processo dos componentes curriculares supracitados, realizamos a leitura da obra “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak (2019) e, a partir disso, discutimos em sala de aula, fizemos associações, análises e refletimos em conjunto sobre os sentidos de uma docência comprometida com o corpo planetário.

Além disso, inserimos as discussões da obra para o contexto geográfico em que nos localizamos: a cidade de Vilhena, no estado de Rondônia, Região Amazônica fortemente afetada por questões ambientais e por ameaças às existências indígenas.

Nesse cenário amazônico, surgiu a provocação da realização de uma Mostra de Arte e Educação, como um reflexo de um repensar nossa condição humana,



nossa relação não junto à natureza ou com ela, mas mais dentro de perspectivas de embaçar essas fronteiras tais como os povos indígenas já o fazem ancestralmente, ressaltando o reconhecimento de suas existências e resistências neste território.

Nossa ideia foi tentar fugir das posições antropocentradas modernas e binaristas para pensar os programas da disciplina e a mostra expositiva - ainda que por vezes possamos nos trair no processo da escrita. O objetivo foi, entre outras coisas, intentar não pensar desde a centralidade humana de vida apartada hierarquicamente das demais vidas pela terra, mas reaproximar-nos com a Natureza, historicamente vilipendiada em prol do progresso.

O antropoceno não tem uma causa única, é um fenômeno complexo, resultante de muitos acontecimentos. Mesmo que o termo não seja unanimidade entre as correntes de pensamento, é cada vez mais ilusório pensar que o mundo formatado enquanto mercadoria, não tenha consequências sobre a vida do/no planeta. A lógica mercantil oferece o extremo conforto e prazer de alguns em nome da miséria de muitos, e essa miséria se estende e proliferou até um ponto no qual não parece ser evitável que essa cobra morda o próprio rabo, e essa miséria se estenda a todos os seres vivos. (MENDONÇA, 2022, p. 51).

Assim, nasceu o “VivARTE: Mostra de Arte e Educação”, que buscou valorizar os saberes e os fazeres artísticos dos/as acadêmicos/as, possibilitando diálogos com diferentes áreas do conhecimento e entrelaçando as produções em um espaço de exposição, pelo qual se teciam as proposições poéticas da Arte, da Educação e do Meio Ambiente, ao mesmo tempo em que provoca os sujeitos todos – corpo acadêmico, docentes, artistas etc. – a se pensar nessa lógica antropocentrada.

A Mostra pretendeu estreitar vínculos entre a docência e a arte, ao mesmo tempo em que tecia provocações sobre nossa relação com o planeta e propunha reflexões sobre a crise ambiental de nossos dias. O resultado foi um processo de aprendizados, vivências, fugas e desterritorializações repletas de manifestações rizomáticas (DELEUZE, 1997), de multiplicidade de corpos, de fronteiras, de fluxos e de reafirmação da/com a vida.

Neste sentido, a Mostra reuniu instalações artísticas tendo a natureza, pensada enquanto uma ecologia planetária, por meio de imersão/inspiração entrelaçada ao uso consciente de materiais reaproveitados na perspectiva da construção de uma formação acadêmica sensível, promotora de um pensamento e de uma postura ética de cuidado, de responsabilidade e de preservação ambiental.

Acreditamos que uma formação docente sensível faz toda a diferença na formação inicial do(a) professor(a), que posteriormente poderá estar em sala de aula, educando crianças e jovens e que, para tal, necessita estar em comprometimento para com as diferenças, com a ancestralidade dos nossos povos originários, com a territorialidade amazônica, tendo a arte como materialização sensível de sua formação.

Contudo, para fins de organização, este Relato de Experiência está delineado da seguinte forma: no primeiro momento refletiremos sobre a formação inicial docente, na sequência, apresentamos os trabalhos expostos na Mostra, produzidos pelos(as) acadêmicos(as) e pelos(as) professores(as) da organização, como também, propomos algumas discussões que nos atravessam em diálogos com Krenak (2019), Deleuze (1992; 1997), Larrosa (2002), Canda et. al. (2018), Dias (2011; 2012; 2019), dentre outros. Ao final, tecemos mais algumas considerações acerca do trabalho.

1 POR UMA FORMAÇÃO DOCENTE SENSÍVEL

Iniciamos esse subtítulo com as palavras de Larrosa (2002, p. 21), quando infere: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Assim, a experiência não é externa, não se dá fora de nós e, deste modo, a formação inicial de docência é também, e precisa ser, a experiência de quem a vive, de quem é tocado(a), atravessado(a), afetado(a) por ela.

Neste sentido, compreendemos a formação de professores e professoras como um processo complexo, repleto de experiências, ramificações, potências,

saberes heterogêneos constituídos na multiplicidade, no coletivo, mas também, nas singularidades de cada pessoa, de cada profissional em formação. Neste experienciar a formação pautada pelas dimensões da arte e de provocações da educação ambiental, nas quais refletem “a vida, a cultura, a experiência do cotidiano e a potencialização de experiências estéticas, reivindicamos a necessidade de uma formação sensível” (CANDA et.al., 2018, p. 83).

Nesta ótica, compreendemos o saber sensível como:

fruto principalmente da experiência estética e artística, amplia a dimensão do fazer e do pensar do educador, pois desvela preconceitos e verdades sacralizadas, estimula a imaginação e a criatividade e situa o sujeito do processo de ler e intervir no mundo. (CANDA et.al., 2018, p. 77).

Neste âmbito, seguimos corroborando com Canda et. al. (2018) quando reitera que no espaço responsável pela formação docente, a Universidade, não cabe mais o abandono das sensibilidades ou a pura racionalidade técnica nos currículos e nos processos de formação, “pois as múltiplas referências dos sujeitos, especialmente as culturais e sensíveis, eclodem e reivindicam seus espaços no escopo formativo”. (CANDA et. al., 2018, p.86).

E, assim, no desassossego das palavras de Dias (2012, p.28), nos questionamos:

[...] formação, capacitação técnico metodológica? Modelagem? Competência técnica? Cientificidade? Consciência política? Compromisso político? Domínio técnico e prático dos princípios que regem a educação [...]? Quais princípios? Que educação [...]? [...]. (DIAS, 2012, p.28).

Tais questionamentos nos invadem e nos provocam a pensar que poderíamos nos lançarmos à experiência de educações outras. Educações permeadas por arte, por terra, por águas, por florestas, por gentes.

Deste modo, tais discussões comportam o rompimento da ideia de uma formação docente pautada estritamente no pensamento técnico-científico, no binômio saber-fazer, no conhecimento fragmentado das partes, na separação sujeito e natureza, mentes e corpos, pois, como explicado por Morin (2002, p. 89), “é preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto” (MORIN, 2002, p. 89).

Partimos do pressuposto de existência de espaços acadêmicos promotores de entrelaçamento dos saberes, de integração entre a razão e a sensibilidade, da potencialidade das experiências sensoriais e estéticas dos sujeitos que coabitam tal espaço, da superação do pensamento dicotomizado, acenando para “unir os opostos: operar conhecimento, e, ao mesmo tempo, perceber as pulsões vitais, saber e poder compreender a existência” (MAFFESOLI, 2008, p. 58).

Contudo, sabe-se que nos cursos de pedagogia a arte e mesmo a educação ambiental são pouco exploradas no currículo, ou ainda, se predominam práticas equivocadas das experiências artísticas em que o único recurso de trabalho, é o uso do famoso E.V.A.. Além disso, há um certo reducionismo nos cursos de formação inicial de professores e professoras, os quais concebem a arte apenas como ferramenta pedagógica para ensinar conteúdos na escola, ou mesmo o entendimento de práticas didáticas de pensar as artes atreladas a datas comemorativas, religiosas e/ou cívicas, ou ainda ficam presos em discussões modernistas, sem avançar, por exemplo, para a Pós-modernidade ou mesmo agregar o artesanato e outros meios de produzir experimentações artísticas, para além da historicidade e contemplação. Tais posturas podem ser um impeditivo para o corpo acadêmico, em formação, de ampliar suas experiências estéticas. Não intencionamos aqui dizer o que é correto ou não em um trabalho com artes, mesmo porque entendemos que:

Nem a experiência, nem a matéria e nem a percepção podem definir a arte, apenas o acontecimento de uma composição vibrátil, percepto que expressa o vetor louco da sensação. Tudo o que temos são

muitas maneiras de se fazer artes, vários modos de tratar a Terra, explicá-la, desterritorializá-la, estilizá-la, inventar paisagens por onde segue a vida. As artes são práticas geo-educativas que, ao invés de estabelecerem dogmas, criam matéria para devires, potências moleculares que funcionam sobre margens indeterminadas das imagens do pensamento. (ZORDAN, 2005, p. 271).

Nesta direção, apontamos para a necessidade de uma formação docente sensível, na perspectiva de reafirmação da vida, de promoção de um pensamento planetário em que sujeito possa se reconhecer parte da natureza e natureza, e isto implica provocar no espaço acadêmico a compreensão que “conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no Universo e não separá-lo dele” (MORIN, 2002, p. 47), reconhecendo “nosso duplo enraizamento no cosmo físico e na esfera viva e, ao mesmo tempo nosso desenraizamento propriamente humano” (MORIN, 2002, p. 48).

Como nos ensina Krenak (2019, p. 10), “Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”, deste modo, uma formação docente sensível pressupõe que nos reconheçamos nesse todo ao mesmo tempo em que pressupõe a compreensão da nossa carnalidade com o mundo e das nossas as afecções (DELEUZE, 1992) pela/com a vida, como ensinado pela ancestralidade dos povos da floresta, cujas histórias presentificadas pelo mundo natural são ouvidas por uma postura de comunicação intrínseca entre natureza e cultura (ROHDEN, 2019), reconstruídas por uma arte permeada “pela lógica do sensível, cuja dinâmica é promovida ao mesmo tempo em que promove um encontro entre a realidade que está ali, entregando-se a eles, ao seu toque, ao seu olfato, ao seu olhar que a sente captando-a lentamente, insistentemente e criativamente” (LIMA, 2008, p. 02).

E é articulando esses vieses teóricos e práticos supracitados que a presente escrita se apresenta: desde um relato de experiência até a apresentação das experimentações artísticas propostas por uma turma de graduação em Pedagogia, localizada na Região Amazônica, e somadas às produções de pessoas artistas convidadas para discutir possíveis ideias para o adiamento do fim do mundo, conforme propõe Krenak (2019), que será melhor esboçado na sequência.

2 Experienciar arte e natureza: tateando territórios na Pedagogia

Com o tema "Existências e Resistências", o 'VivARTE: Mostra de Arte-Educação' teve inspiração conceitual na obra "Ideias para adiar o fim do mundo", do líder indígena Ailton Krenak (2019), o qual discute a necessidade da superação da ideia de humanidade como algo separado da natureza e nos provoca a reflexão de nos reconhecermos umbilicalmente enquanto a própria natureza: "Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade" (KRENAK, 2019, p. 16).

A exposição foi realizada na Universidade Federal de Rondônia e foi aberta à toda a comunidade para visitação durante uma semana, como possibilidade de diálogos entre o campo acadêmico e o externo a fim, entre outras coisas, de provocar a compreensão de que esses campos não são descolados um do outro, mas integrados.

Participaram como expositores da Mostra 20 acadêmicas e acadêmicos do Curso de Pedagogia, divididos em 4 grupos. Além disso, a exposição também contou com a participação do artista convidado PC, assim como da participação da poeta, também coordenadora do evento. A Mostra aconteceu de 11 a 17 de abril de 2023 e recebeu mais de 250 pessoas entre estudantes e professores(as) da Educação Básica, acadêmicos(as) da Universidade e de outras faculdades locais, docentes, técnicos, jornalistas de canais de telecomunicações locais e comunidade em geral.

A seguir, apresentamos as instalações artísticas produzidas por acadêmicas e acadêmicos do curso de Pedagogia, por artistas que aceitaram o convite em participar, além da coordenadora da ação. Importante ressaltar, sobretudo quanto ao corpo discente, que diversos trabalhos se valeram da potência do precário (RODRIGUES; FERREIRA; ZAMBONI, 2013) como forma de materializar suas produções. Essa definição de potência do precário pode ser resumida como um

meio de produzir utilizando o universo da bricolagem de elementos comuns, não necessariamente reconhecidos como 'ideais' para uma produção artística, mas que possibilita a abertura ao imprevisto, ao teste, à subversão e “aproveitando a oportunidade aberta na ocasião/acontecimento pelas forças que lhe são estranhas” (RODRIGUES; FERREIRA; ZAMBONI, 2013, p. 310).

Cada obra será brevemente discutida para depois articularmos o conjunto frente aos processos que antecederam a materialização, ou seja, os momentos de ensino nos Componentes Curriculares, para o caso dos trabalhos realizados por acadêmicas e acadêmicos. Para um modo de articular as aproximações entre elas, as separamos em dois grupos: 'Progresso, carbonização e consumos' e 'O futuro é a ancestralidade'.

2.1 Progresso, carbonização e consumos

O progresso, essa ficção veiculada segundo uma lógica de dominação, desmatamento e sustentada pela noção de razão, acaba por afastar a humanidade de seu lugar, o que abre mais espaço para grandes corporações se apropriarem de territórios diversos. Krenak (2019) nem é profético ao afirmar sobre como nós, humanidade, viveremos mais em ambientes artificiais produzidos exatamente por essas corporações. São as derrubadas e queimadas o modo de fazer ruir o território lido romanticamente como selvagem para que construções sejam erigidas.

A obra (Fig. 1), apresentada por um dos grupos de acadêmicas e acadêmicos, teve como objetivo representar esses processos violentos de ocupação territorial da cidade de Vilhena-RO, chamando atenção para o desmatamento, as queimadas e as mudanças climáticas que assolam a região. A provocação veio das palavras de Krenak (2019, p. 23) quando nos questiona: “O que é feito de nossos rios, nossas florestas, nossas paisagens? Nós ficamos tão perturbados com o desarranjo regional que vivemos, ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política, que não conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias”.

Figura 1. Obra: Progresso para quem?



Figura 2. Obra: Norte?



Fonte: Os autores, 2023.

A proposta apresenta uma mistura de elementos carbonizados, folhas secas e um trator de brinquedo, em alusão a um dos símbolos de destruição das florestas. Como se trata de uma Região Amazônica que, gradativamente, perde sua mata nativa para a ampla produção agrária de larga escala, o cotidiano apresentado é o da naturalização dos maquinários de derrubada e do consumo dessa mata pelas vias das queimadas.

Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça. É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E, principalmente, gente não está treinada para dominar esse recurso natural que é a terra.” Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar? (KRENAK 2019, p. 22)

Não há simbolismo de vida ou de esperança nessa representação, apenas o artificial junto do carbonizado em prol das grandes corporações, conforme anuncia Krenak (2019), que destituem a ideia de humano, de gente, à terra. Em certa medida, esta obra dialoga com a obra seguinte: Norte? (Fig. 2), uma vez que a

propagação do progresso descolado da concepção de meio ambiente é um dos frutos do processo humano ocidental, não por acaso, todo e qualquer território com povos originários ainda é entendido como campo aberto para o domínio pelas vias da produção capitalista. No Norte do Brasil não é diferente. Pensando nessa perspectiva junto à realidade das queimadas, a instalação Norte? (Fig. 2), do artista convidado, PC, invocou as associações com a ideia de morte e finitude de vidas humanas.

A materialidade da carbonização da madeira foi utilizada para criar a poética e escrita da palavra Norte com a interrogação, na tentativa de provocar o significado de norreamento, Norte e morte. Um jogo com a palavra Norte articula tanto a Região como também a ideia de norream um projeto, um alvo a ser carbonizado pelo progresso. Desse modo, há uma oposição da perspectiva de viver “com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta” (KRENAK 2019, p. 25). Somada à destruição do espaço e o repúdio à prática de viver a/na/com a floresta, os processos consumistas criam a narrativa do ser consumidor em uma tônica quase que de identidade, desassociando o sujeito em se pensar conectado à terra e à ideia de cidadania. Disso resulta o desejo pela compra e, automaticamente, o do descarte.

A obra Vida Consumada (Fig. 3), por exemplo, retrata o consumo exagerado da humanidade, a produção de lixo exacerbada, a projeção do consumo como alcance da felicidade, a qual “estamos todos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos de nossa vida, a terra pode não suportar a nossa demanda” (KRENAK, 2019, p. 45). É preciso cuidar e repensar nossos modos de vida.

Figura 3. Obra: Vida Consumada



Fonte: Os autores, 2023.

A produção artística *Vida Consumada*, de um dos grupos de acadêmicas de Pedagogia, trouxe intrínseca as concepções de Krenak (2019, p. 45) ao citar o dito pelo pajé yanomami Davi Kopenawa: "o mundo acredita que tudo é mercadoria", a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar. Para Krenak (2019, p. 45) "A experiência das pessoas em diferentes lugares do mundo se projeta na mercadoria, significando que ela é tudo o que está fora de nós."

Considerando os processos formativos no curso de Pedagogia, de onde tencionamos essas discussões, é urgente que haja uma reflexão e práticas sobre o viver a/na/com a floresta, uma formação docente que contrarie o modelo hegemônico de uma formação, mas que se afirme "em termos de devir, no entre aprender e desaprender, cultivando as formas de problematizar, sempre provisórias" (DIAS, 2011, p. 271), pois, acreditamos que "é preciso pensar formação num território de forças moventes, estudá-la no percurso de uma estética da existência" (DIAS, 2011, p. 271).

2.2 O futuro é a ancestralidade

Qual é o Mundo que vocês estão empacotando agora para deixar às gerações futuras? Através dessa provocação de Ailton Krenak a obra apresenta o cenário de crise humanitária que acometeu os povos Yanomami e nos provoca a pensar sobre o descaso com essa população originária, provocando-nos a refletir sobre o que estamos fazendo para as deixar para as gerações futuras.

Pontuamos nessa obra as inferências de Krenak (2019, p. 25) quando denuncia:

As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta [...] e conheço algumas delas — que habitam o território yanomami, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Esse Território está sendo assolado pelo garimpo, ameaçado pela mineração, pelas mesmas corporações perversas que já mencionei e que não toleram esse tipo de cosmos, o tipo de capacidade imaginativa e de existência que um povo originário como os Yanomami é capaz de produzir.

A obra "Suspende o céu" (Fig. 4) foi uma referência aos ensinamentos dos povos indígenas. “Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspende o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial” (KRENAK, 2019, p. 32).

Figura 4. Obra: Suspende o céu



Figura 5. Artefatos de arte indígena da Região Norte



Fonte: Os autores, 2023.

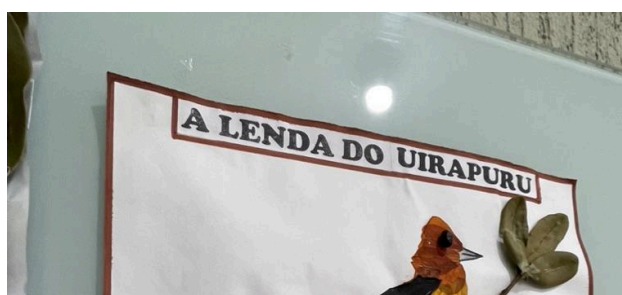
Ainda, em valorização às artes dos povos indígenas da região, objetos de cestaria e demais produções, representam os processos tecnológicos dos povos tradicionais. Parece lugar comum, via senso comum, a ideia dicotômica de que tecnologia necessariamente seria apenas as produzidas pelas grandes corporações, por exemplo. É preciso dessacralizar essa narrativa de tecnologia e desvelar preconceitos, conforme provoca Canda et.al. (2018), a fim de que haja o despertar para aquilo que nem novo é, uma vez que aqui, no território amazônico, já transitavam tecnologias e existências corporais não separadas da ecologia planetária (Mendonça, 2022). Pensando nisso, temos a obra ‘Painel de Lendas Amazônicas’ (Fig. 6), materializada com o recurso de recolhimentos de elementos diversos capturados dentro do espaço do *campus*, para representar algumas lendas amazônicas, como podemos perceber no detalhe da Figura 7.

Figura 6. Obra: Painel de Lendas Amazônicas



Fonte: Os autores, 2023.

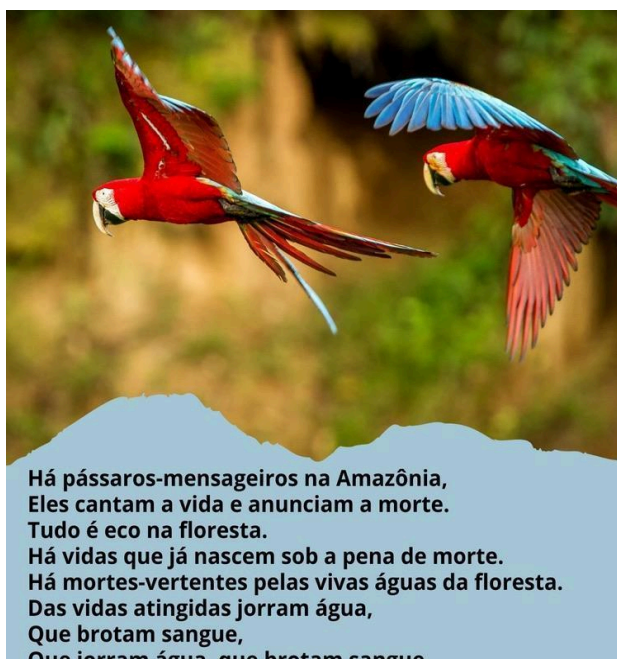
Figura 7. Detalhe da obra Representações das Lendas Amazônicas



Fonte: Os autores, 2023.

A instalação foi uma proposta composta também por poesias que tinha como referência as águas, os povos originários, os pássaros, as matas, a Amazônia: em linhas abissais, tensionadas por vida e de morte. Reverenciou-se nessa produção, a poética da Amazônia e toda nossa ancestralidade, projetando futuros que já deveriam estar alinhados à essa ancestralidade, objetivando transpor essas linhas todas e torná-las possíveis, vivíveis (DELEUZE, 1992). Curvar as linhas para que sustentem nossas existências fora do roteiro programático racionalista e das grandes corporações, eis uma problemática a ser compreendida dentro do processo de formação das futuras pedagogas e pedagogos.

Figura 8. Algumas das composições da Obra Poética da Amazônia, de Josiane Brolo



Fonte: Os autores, 2023.

Contudo, as obras intentaram reunir processos provenientes de aprendizado durante os componentes curriculares de Fundamentos e Práticas do Ensino de Ciências e Fundamentos e Práticas do Ensino de Artes a fim de convidar o corpo discente a materializar as provocações de Krenak (2019), somadas a outros atravessamentos teóricos apreendidos. Os grupos foram provocados a pensar uma sensibilidade de/na produção e não apenas como público que observa as obras, além, como já mencionado, de trabalhar com o que se à mão, mais pelas vias de uma precariedade de elementos para materializar as obras: carvão, gravetos, folhas, papéis usados, materiais recicláveis selecionados etc., foram potência para desdobrar a ordem do esperado dentro do campo de uma arte mais clássica, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma abertura ao outro, ao planeta, à diferença, à arte, à vida. Um deslocamento múltiplo no modo de recriar uma formação inicial docente, na margem, no fluxo, no *entre*, sempre em trânsito de uma formação sensível, em devir, que reconhece a experiência como acontecimento (DELEUZE, 1992). Assim, intentamos produzir esta composição para viver nas linhas que nos atravessam, tensionadas pelos saberes de nossos professores e professoras em formação, pelos saberes dos povos da floresta, pelas provocações de Krenak (2019) em "ideias para adiar o fim do mundo".

Lembrando Larrosa (2002), chama a atenção para a ideia de que a experiência é o que nos toca, o que nos acontece. O autor ainda realça que "o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida" (LARROSA, 2002, p.27). E, nesta experiência singular do acontecimento como instante, de sentidos estéticos vividos unicamente por cada uma e cada um que participou do 'VivArte: Mostra de Arte e

Educação', ,habitamos ao mesmo tempo no coletivo das forças: tensionadas, indignadas, esperançosas, vivendo como nos ensina Krenak (2019, p. 13), "a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção [...]".

Nessa experiência singular e ao mesmo tempo nesse coletivo de forças, consideramos o trabalho aqui apresentado, não como mais uma palavra de ordem, tampouco como um modelo a ser seguido nos trabalhos com a arte na formação docente, mas, como "máquina de conexão" (DIAS, 2019), que une os fragmentos, distinguindo-se pelos modos de se contemplar os processos, de engendrar as experimentações, de criar linhas de fugas para tentar viver e desdobrar a ordem de uma formação de professores ainda tão dura, tão técnica, tão abundante de informações, mas, muitas vezes, tão limitada de experiências. Nesta educação outra, que nossos corpos desejantes reivindicam, o 'VivARTE' mobilizou a oportunidade de uma formação acontecimental, que se constituiu como "uma prática de produção de efeitos, de contornos, de sensações, de afetos, de sentidos estéticos e constitutivos do devir infância que faz durar o instante da diferença" (DIAS, 2019, p. 23). Parafrazeando Canda et.al. (2018), o ver, o ouvir, o sentir e o criar, nessa experiência artística, estiveram indissociáveis. A vida como própria matéria de uma formação docente sensível.

Contudo, adiar o fim do mundo não é preciso, sobretudo no campo da educação, ou das educações outras, e talvez aí resida possibilidades diversas de seu adiamento, uma vez que se fosse preciso - no sentido de precisão - saberíamos objetivamente como, no entanto, estamos sob atravessamentos múltiplos de racionalidade e consumismos que a ordem parece ser mais factível no micro, em nossas aulas, em nossos processos dialógicos e de debates constantes.

REFERÊNCIAS:

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt> Acesso em 09 nov. 2023.

CANDA, Cilene Nascimento; ALMEIDA, Verônica Domingues. Arte e saberes sensíveis na formação e prática da docência. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 39, p. 71-90, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1173/1021> Acesso em 11 nov. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**; tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs**. Vol 4, São Paulo: Editora 34, 1997.

DIAS, Rosimeri. de O. Pesquisa-intervenção, cartografia e estágio supervisionado na formação de Professores. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23 - n. 2, 2011, p. 269-290, Maio/Ago. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/TBjM5h3cMcRq5xMH3rnWwjD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso 02 dez.2023.

DIAS, Rosimeri de O. Formação inventiva como possibilidades de deslocamentos. In: DIAS, R. de O. **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. formação inventiva de professores por entre tessituras ética, estética e política de escritas acadêmicas. **Childhood & philosophy**, v. 15, p. e44236, 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/childphilo/v15/1984-5987-childphilo-15-e44236.pdf> Acesso 02 dez.2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Elane Andrade Correia. Diálogos com a natureza, saberes dos povos da floresta amazônica. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, **Anais...** v. 4, p. 3-4, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14454.pdf> Acesso em 08 mar. 2017.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MENDONÇA, Ana Otero de Oliveira. **“O corpo não é útil: ideias de Ailton Krenak para “pensar com a cabeça terra”**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2022.



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5ª ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

RODRIGUES, Alexsandro; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva; ZAMBONI, Jésio. A potência do precário: restos curriculares em Leona Assassina Vingativa. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 14, n.27, jul./dez. 2013. p. 304 – 323

ROHDEN, Josiane Brolo. **Memórias Crianceiras e seus despropósitos: uma investigação histórico-poética do brincar-bricoleur de meninos e meninas do/no m/Mato**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

ZORDAN, Paola. Arte com Nietzsche e Deleuze. **Educ. Real**, p. 261-272, 2005.
Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12472/7387> Acesso em 09 nov. 2023.